

## RELEMBRANDO RÓNAI, AMANTE E MESTRE DE LETRAS LATINAS

Matheus Trevizam\*

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

[matheustrevizam2000@yahoo.com.br](mailto:matheustrevizam2000@yahoo.com.br)

### RESUMO

Neste artigo, gostaríamos de relembrar alguns aspectos das boas relações de Paulo Rónai com o latim, sua literatura e seu magistério. Nascido na Hungria na primeira metade do século XX, o intelectual de origem judaica viu-se coagido a mudar-se para o Brasil na década de 40 por causa das perseguições dos nazistas na Europa. Aqui estabelecido, notabilizou-se como professor de latim e francês, tradutor de vários idiomas para o português, coordenador editorial e ensaísta. Essa trajetória profissional e de pensamento encontra-se hoje documentada para o público geral, sobretudo, nos muitos textos de reflexão crítica que escreveu, por exemplo, sobre as letras de Roma Antiga e seu ensino. Será justamente de ensaios contidos, entre outras fontes, em *Como aprendi o português, e outras aventuras* (1956) e *A tradução vivida* (1976) que nos serviremos para acompanhar algo de sua atuação como empenhado latinista. **Palavras-chave:** Paulo Rónai; língua latina; literatura latina; crítica literária; magistério.

### ABSTRACT

In this paper, we will attempt to deal with some aspects of Paulo Rónai's good relationship with the Latin language, his literature and his teaching practice. Born in Hungary in the first half of the twentieth century, this intellectual of Jewish origins was forced to move to Brazil during the forties, because of the Nazi persecutions in Europe. Once established in this country, he became notorious as a teacher of French and Latin languages, translator from several idioms to Portuguese, editorial coordinator and essayist. His professional and intellectual career is nowadays documented for the general public mainly through numerous critical texts he wrote about Ancient Rome's

\* Meus agradecimentos a Roque Tumolo Neto pela leitura e sugestões ao resumo em inglês.

lettered culture and its teaching. The present work aims to trek some of his activities as a committed Latinist, mainly through the essays “Como aprendi o português e outras aventuras” (1956) and “A tradução vivida” (1976), among other texts.

**Keywords:** Paulo Rónai; Latin language; Latin literature; literary criticism; teaching.

## 1. INTRODUÇÃO DO TEMA E SUCINTOS DADOS BIOGRÁFICOS

No âmbito do ensino das línguas clássicas no Brasil, é mister evocar a incomum figura do intelectual que foi o húngaro-brasileiro Paulo Rónai, apaixonado mestre e cultor do idioma do Lácio. Na verdade, dentre as várias línguas que conheceu e/ou cultivou, a exemplo, além do húngaro materno, do finês, do hebraico,<sup>1</sup> do português, do francês, do italiano, do espanhol, do alemão e do grego,<sup>2</sup> o latim ocupa lugar de destaque em sua trajetória intelectual e profissional, como adiante descreveremos. Dessa maneira, o acompanhamento do percurso de Rónai no âmbito dos estudos latinos facultou-nos conhecer um pouco mais a própria história do ensino desse idioma clássico no contexto brasileiro, dada sua empenhada atuação, entre nós, como docente e/ou promotor do latim desde a década de 40 do século vinte, quando emigrou da Europa em fuga do Nazismo, até a fase madura de sua vida.

Rónai Pál, como nos informa um bem documentado artigo de Waldívia Marchiori Portinho e Waltensir Dutra, nasceu em Budapeste, capital da Hungria, em 13 de abril de 1907, tendo falecido em primeiro de dezembro de 1992 em Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro.<sup>3</sup> Filho mais velho dos seis de um pai livreiro, iniciou seu contato com assíduo aprendizado de línguas e culturas estrangeiras ainda muito jovem, na pré-adolescência, de quando datam seus primeiros esforços tradutórios:

Foi nesse cenário que Paulo Rónai pré-adolescente, pouco mais do que um menino, membro atuante do grupo de estudos literários dos alunos secundaristas de sua escola, começou a publicar regularmente na imprensa de seu país, em particular na revista *Új Idők (Novos tempos)*, suas traduções de obras do latim (inclusive de

<sup>1</sup> Cf. RÓNAI, P. As línguas que não aprendi. In: RÓNAI, P. *Como aprendi o português, e outras aventuras*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Artenova, 1975a, p. 16-19 (1ª. edição 1956).

<sup>2</sup> Cf. SPIRY, Z. F. *Paulo Rónai: um brasileiro made in Hungary*. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo: FFLCH-USP, 2009, p. 26: *Em seu certificado de exame de conclusão do ginásio – equivalente ao Baccalauréat francês – constam as seguintes matérias: língua e literatura húngara, língua e literatura latina, história, matemática, física, doutrina religiosa, língua e literatura grega, língua e literatura alemã, iniciação à filosofia, geografia, história natural e geometria.*

<sup>3</sup> Cf. PORTINHO, W. M.; DUTRA, W. Paulo Rónai, tradutor e mestre de tradutores. *TradTerm*, São Paulo, vol. 1, p. 24, 1994.

Horácio), a que viriam se juntar mais tarde as do francês e português, língua que ele aprendeu com um dicionário português-alemão e uma antologia de poesias em língua portuguesa arduamente conseguidos.<sup>4</sup>

No ensaio “Saldos de balanço”, contido em *A tradução vivida*, obra hoje “clássica” do intelectual húngaro que aqui evocamos, ele relembra, assim, como o ambiente letrado de sua terra-mãe era imbuído de reminiscências latinas, pelo próprio fato de o idioma do Lácio ter constituído, por séculos, uma espécie de lastro de cultura indispensável para seus compatriotas pertencentes às camadas mais altas da sociedade.<sup>5</sup> Dessa maneira entrevemos, entre os dados apresentados por Rónai para documentar tais colocações, que “no começo do século passado<sup>6</sup> o idioma falado no parlamento magiar era o latim”; “os grandes romances do século passado estão cheios de palavras e frases latinas”; “a poesia latina influenciou muito a húngara; no fim do século XVIII surgiu uma escola poética que se intitulava latina e, aproveitando a existência nítida de vogais breves e longas na língua húngara, adotou e desenvolveu a versificação clássica”; “no curso secundário do meu tempo ainda se aprendia latim em seis aulas semanais durante oito anos”.<sup>7</sup>

A existência de condições prévias tão excepcionais, na verdade, acabou favorecendo que o talentoso Rónai, no princípio introduzido pelo próprio *curriculum* escolar no contato com as letras de Roma Antiga, viesse, com o tempo, descobrir-se entusiasta e assíduo frequentador não tanto dos prosadores do idioma (César, Salústio, Tito Lívio, Cícero...),<sup>8</sup> mas sim dos poetas (Horácio, Catulo, Tibulo, Propércio, Ovídio, Virgílio, Marcial, os “obscuros” Pentádio, Tiberiano, Dracôncio...).<sup>9</sup> De estudante escolar do latim e leitor de vários poetas antigos, então, ele logo passou, como anunciava o trecho do artigo transcrito acima, a competente tradutor inclusive de Horácio, lírico que o cativou fortemente após um inicial interlúdio com Virgílio, já muito assimilado pela cultura tradutória magiar.<sup>10</sup>

<sup>4</sup> Cf. PORTINHO; DUTRA, *op. cit.*, p. 22.

<sup>5</sup> Cf. RÓNAI, P. Saldos de balanço. In: RÓNAI, P. *A tradução vivida*. 4ª. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012e, p. 190-193 (1ª. edição 1976).

<sup>6</sup> Como a primeira edição de *A tradução vivida* data de 1976, a expressão “século passado”, de emprego por Rónai no contexto em questão, remete-nos, evidentemente, ao princípio do século XIX.

<sup>7</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012e, p. 191.

<sup>8</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012e, p. 191: *No começo, a gramática me assustou; mesmo depois, mais tarde, quando nos faziam ler César, Salústio, Tito Lívio e Cícero, eu partilhava ainda da ojeriza da maioria de meus companheiros de turma.*

<sup>9</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012e, p. 191.

<sup>10</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012e, p. 191: *Quando, no segundo milenário de Virgílio, uma revista de Budapeste me encomendara um artigo sobre a “Eneida”, uma pesquisa rápida na Biblioteca Nacional da Hungria revelou-me existirem lá nada menos de doze traduções do poema.*

Segundo relata no mesmo ensaio de *A tradução vivida*, o que o fascinou em Horácio foi sua paradoxal capacidade de imprimir a nota do frescor a temas tão antigos – seus conhecidos *tópoi* vinculados à “brevidade da vida”, ao “pavor da morte”, à “busca da felicidade”, às “complicações do amor” –, ainda mais quando se considera que os meios formalmente mobilizados pelo venusino, ou seja, as velhas estrofes da lírica eólica grega, são, também eles, bastante convencionais.<sup>11</sup> Dessas “aventuras” horacianas e latinas de Rónai, vale a pena destacar, resultou bem mais que esparsos poemas publicados na mídia jornalística:

Vertia-os com uma exaltação que hoje não logro reconstituir. Cada poema traduzido era um desafio vencido. Quinze anos após, ao despedir-me forçado da Europa, deixei com uma editora uma antologiazinha de minhas traduções de dois mil anos de poesia latina. Já estava no Rio de Janeiro quando o volume saiu em Budapeste em edição bilingue.<sup>12</sup>

Continuando a apresentação dos dados sobre a formação letrada da personagem aqui em pauta, sabe-se que chegou a doutorar-se em “literaturas e línguas latinas e neolatinas” pela Universidade Péter Pázmány de Budapeste aos 23 anos, com a tese intitulada *À margem das obras de mocidade de Balzac*.<sup>13</sup> Entre 1930 e 1932, estudou por “mais de dois anos”<sup>14</sup> em Paris, na conhecida Universidade de Sorbonne, onde, além de continuar seus exercícios tradutórios – desta vez, porém, sobretudo na interface linguístico-cultural constituída pelo francês e o húngaro –,<sup>15</sup> “obteve dois certificados de licença, e fez ainda cursos de férias na Alliance Française, (...) e na Università per Stranieri, em Perúgia. Em 1932, obtinha seu diploma de professor secundário de francês, italiano e latim”.<sup>16</sup>

A sólida formação adquirira na Hungria e no estrangeiro, dessa forma, propiciou-lhe atuar intensamente como “professor de línguas, tradutor e

<sup>11</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012e, p. 191.

<sup>12</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012e, p. 192 (trata-se da obra, em húngaro, *Latin Költök, Rónai Pál fordításában latinul és magyarul*. Budapeste: Officina, 1941).

<sup>13</sup> Cf. PORTINHO; DUTRA, *op. cit.*, p. 22.

<sup>14</sup> f. RÓNAI, *op. cit.*, 2012e, p. 193.

<sup>15</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012e, p. 193-194: *Por sugestão de um colega da faculdade, tentei verter para o francês umas poesias húngaras e uns contos húngaros e verifiquei a diferença intrínseca que faz da tradução e da versão duas operações tão diferentes que quase nada têm em comum. Ao traduzirmos de uma língua estrangeiras para a nossa, o problema central é o da compreensão completa. (...) Já na versão para o francês, o problema se deslocava. Foi quando descobri a inexistência de equivalentes perfeitos entre essa língua e a minha. Os tersos vocábulos franceses, alisados e desbastados por séculos de uso culto, não correspondiam às palavras húngaras, umas rústicas com sabor de terra, outras muito novas, recém-criadas para satisfazer a necessidades urgentes.*

<sup>16</sup> Cf. PORTINHO; DUTRA, *op. cit.*, p. 22.

assíduo colaborador de órgãos da imprensa húngara, como *Új Idők, Pandora, Széphalom* (Colina bela)<sup>17</sup>. As infelicidades advindas da marcha do Nazismo sobre a Europa, no entanto, acabaram determinando a brusca interrupção de suas febris atividades em Budapeste no ano de 1940: a condição de judeu (agnóstico), na verdade, foi então determinante para que sofresse, com outros membros da família,<sup>18</sup> as perseguições que então se moviam contra todo um povo. Assim, chegou a ser internado em um Campo de trabalhos forçados em uma ilha do Danúbio, donde logrou escapar com o auxílio do diplomata brasileiro Ribeiro Couto, a quem se ligara como amigo e que, ciente dos iminentes perigos que corria e de seu esforço pela divulgação da cultura brasileira na Hungria, conseguiu emitir-lhe um visto e uma bolsa para um ano de estudos em nosso país.<sup>19</sup>

Ele, então, que desde 1938 começara “a se revelar como um estudioso das letras brasileiras”,<sup>20</sup> em desdobramentos de um interesse cultural demonstrado já em seus exercícios de aprendizado do português como autodidata,<sup>21</sup> desembarcou de Lisboa no Rio de Janeiro em 1941, vindo a fixar residência definitivamente em nosso país e a naturalizar-se brasileiro (1945).<sup>22</sup> Uma vez estabelecido aqui, Rónai logo retomou as atividades profissionais, de docente de latim e francês em várias instituições de ensino – como o conhecido Colégio Pedro Segundo, no Rio de Janeiro –,<sup>23</sup> de profícuo tradutor<sup>24</sup> ou supervisor

<sup>17</sup> Cf. PORTINHO; DUTRA, *op. cit.*, p. 22.

<sup>18</sup> Cf. SPIRY, *op. cit.*, p. 34: *Sempre tão discreto com relação à sua vida pessoal, excepcionalmente Rónai demonstra que na verdade sofria, e muito, com os eventos que marcaram sua vida. A esposa a que ele se refere na carta é a primeira mulher, que havia ficado na Hungria e com quem ele havia se casado por procuração na tentativa de salvá-la. Mas, no ano seguinte, ela seria retirada do Consulado Português em Budapeste, onde se encontrava refugiada, e assassinada pelos nazistas. Rónai faz de tudo para tentar trazer a família para o Brasil, chega até a escrever para Getúlio Vargas, mas seu sucesso é só parcial. Salva a mãe, as irmãs e os cunhados, mas não a esposa e a sogra.*

<sup>19</sup> Cf. PORTINHO; DUTRA, *op. cit.*, p. 22. Em 1939, um Paulo Rónai já familiarizado com a língua portuguesa publica em Budapeste o livro *Brazilia Üzen* (“Mensagem do Brasil”). Budapeste: Vajda János Társaság, 1939 (cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012e, p. 201).

<sup>20</sup> Cf. SPIRY, *op. cit.*, p. 33.

<sup>21</sup> Cf. RÓNAI, P. Como aprendi o português. In: RÓNAI, P. *Como aprendi o português, e outras aventuras*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Artenova, 1975b, p. 9-15 (1ª. edição 1956).

<sup>22</sup> Cf. PORTINHO; DUTRA, *op. cit.*, p. 22.

<sup>23</sup> Cf. SPIRY, *op. cit.*, p. 13.

<sup>24</sup> Cf. SPIRY, *op. cit.*, p. 42: *Rónai também publica duas antologias de contos húngaros. A primeira, intitulada “Roteiro do Conto Húngaro”, sai em 1954, mas não recebe nenhuma republicação, enquanto que a “Antologia do Conto Húngaro”, que contém parte do que havia saído no “Roteiro do Conto Húngaro”, é lançada em 1957 e reeditada várias vezes. Também merece destaque, na face tradutória de Rónai, seu longo trabalho – de mais de trinta anos! –, em parceria com Aurélio Buarque de Holanda, que resultou na coletânea “Mar de histórias”. Ela*

de trabalhos tradutórios de fôlego,<sup>25</sup> de colaborador da imprensa, de “leitor e editor de várias editoras” ...<sup>26</sup>

Na sequência do artigo, buscaremos especificamente comentar, a partir de registros deixados pelo próprio Rónai – ensaios/capítulo/prefácio ou diferentes materiais “didáticos” de sua autoria, para ensino do latim –, as duas faces em nexo de sua personalidade que anunciamos desde o título, ou seja, a de um amante da língua clássica de Roma Antiga (e de sua literatura) e, depois, a de um efetivo mestre dessa mesma disciplina, por algum tempo, ainda escolar durante os anos em que atuou profissionalmente.<sup>27</sup>

## 2. OS TESTEMUNHOS (PUBLICADOS) DA ADMIRAÇÃO DE PAULO RÓNAI PELA LÍNGUA E PELA LITERATURA LATINA

Na presente situação em que nos encontramos, aqui empenhados em fazer transparecer algo das cordiais relações entre Paulo Rónai e o latim, bem como entre ele e a literatura do idioma, apenas podemos recorrer, na falta de seu testemunho imediato e mais de vinte anos após sua morte, a testemunhos “cristalizados”,

correspondeu, na verdade, a uma extensa antologia do conto mundial (grego, latino, inglês, italiano, alemão, russo, húngaro, chinês, persa, hindu...), que começou a ser publicada em 1945 pela Editora José Olympio; cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012e, p. 202-206.

<sup>25</sup> Talvez, a mais significativa contribuição de Rónai para o universo da tradução em língua portuguesa corresponda à vultosa tarefa de ajudar a recriar, em nosso idioma, o rico universo romanescos do Honoré de Balzac da *Comédie Humaine*. Como esclarece no ensaio “A operação Balzac”, contido na obra *A tradução vivida*, não se trata aqui de algo empreendido apenas por si, mas antes de um trabalho de equipe, que recebeu sua coordenação a mais de vinte colaboradores sob os auspícios da Editora Globo, de Porto Alegre. Afinal, essa obra imensa, *na versão brasileira, ocupa 17 alentados volumes in-oitavo, num total de 12 mil páginas, conjunto esse que, no formato e com os tipos usados normalmente em obras de ficção comuns haveria de perfazer cinquenta volumes no mínimo. (...) Mas coube-me organizar a edição, isto é, estabelecer o plano geral, escolher parte dos tradutores, cotejar e anotar toda a tradução, redigir prefácios para cada uma das 89 obras que a compõem e escrever uma extensa biografia de Balzac, selecionar a documentação iconográfica, (...)* – RÓNAI, P. A operação Balzac. In: RÓNAI, P. *A tradução vivida*. 4ª. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012c, p. 214 (1ª. edição 1976).

<sup>26</sup> Cf. PORTINHO; DUTRA, *op. cit.*, p. 23.

<sup>27</sup> Cf. BRAGA, H. S. *O ensino de latim na escola Maria Constança Barros Machado como reflexo da história da disciplina no Brasil (1939-1971)*. Dissertação de mestrado inédita. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2005, p. 15: *De acordo com a nova lei [4024/61, que regulamentava as Diretrizes e Bases da Educação Nacional], as disciplinas de cunho humanístico, como o Latim e o Grego, deixavam de ser obrigatórias e passavam a optativas, no ciclo colegial, e complementares no ginasial. A partir de 1963, o Latim foi, porém, simplesmente eliminado do Ginásio Bela-Vistense, passamos a responder pelas disciplinas Português e Inglês que lecionamos por mais quatro anos [depoimento do autor da dissertação].*

constantes de alguns de seus textos publicados em livros.<sup>28</sup> Conforme um critério de prosseguimento cronológico<sup>29</sup> de tais textos, dedicamo-nos neste subitem do artigo justo a apresentar algumas das ideias de Rónai a respeito do assunto. Então, partindo de um pequeno ensaio contido em *Escola de tradutores* (“A desforra do latim”),<sup>30</sup> em passagem por outro desse mesmo volume (“Alexander ille Lenardus”),<sup>31</sup> um de *Babel & Antibabel* (“A bela adormecida no bosque”),<sup>32</sup> e um capítulo parcial de *A tradução vivida* (“As falácias da tradução”),<sup>33</sup> enfim chegaremos a certo texto de *Pois é*, livro de maturidade do autor (“Vale ainda a pena ler a ‘Eneida?’”).<sup>34</sup>

Em “A desforra do latim”, o autor comenta, não sem algum espanto, o fenômeno do sucesso editorial de algumas traduções feitas, em tempos coevos, de certas línguas modernas para o latim. O ensaio é aberto, à maneira de um desafio (decifra-me!) com uma citação do romance *Bonjour tristesse*, originalmente escrito em francês por Françoise Sagan:<sup>35</sup>

*Sensu ignoto, cuius taedium, cuius suavitas me capiunt, tristitiae nomen, tristitiae pulchrum nomen et graue induere sane haesito.*<sup>36</sup>

Como explica o autor do ensaio, revestir da roupagem “antiga” a obra saganiana se trata de mais uma “ideia barroca” de Alexandre Lénard, um seu

<sup>28</sup> Um modo mais “fresco”, ao menos em aparência, de contato com as ideias de Rónai sobre as letras e a vida corresponde ao que encontramos em uma entrevista, posta sob a forma dialogada de perguntas e respostas, que concedeu ao jornal *Folha de São Paulo* e foi publicada em 27 de abril de 1991 [“Faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil – Paulo Rónai” (acesso em 19/01/2015). – [http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista\\_paulo\\_r%F3nai\\_27abr1991.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista_paulo_r%F3nai_27abr1991.htm).]

<sup>29</sup> Por “cronológico”, neste contexto, entendemos a data de publicação da edição seguida de cada livro do autor, não de cada ensaio individualmente.

<sup>30</sup> Cf. RÓNAI, P. A desforra do latim. In: RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. 7ª. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012a, p. 141-146 (1ª. edição 1952).

<sup>31</sup> Cf. RÓNAI, P. Alexander ille Lenardus. In: RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. 7ª. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012b, p. 129-139 (1ª. edição 1952).

<sup>32</sup> Cf. RÓNAI, P. A bela adormecida no bosque. In: RÓNAI, P. *Babel & Antibabel: ou o problema das línguas universais*. 1ª. edição. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 105-112.

<sup>33</sup> Cf. RÓNAI, P. As falácias da tradução. In: RÓNAI, P. *A tradução vivida*. 4a. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012d, p. 133-150 (1ª. edição 1976).

<sup>34</sup> Cf. RÓNAI, P. Vale ainda a pena ler a “Eneida”? In: RÓNAI, P. *Pois é*. 1ª. edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 113-120.

<sup>35</sup> Esta, como se explica em @lalettre.com, nascida em 1935 como Françoise Quoirez e autora de vários romances e peças de teatro, notabilizou-se, sobretudo, com a escrita de *Bonjour tristesse* (1954), no qual se contam as desventuras de Cécile, *jeune fille qui déteste la maîtresse de son père et qui ne sera pas étrangère au suicide de celle-ci*. Tendo sido um “espécime” de romancista “nouvelle vague”, faleceu em Honfleur, na França, em 2004 (acesso em 24/01/2015). – <http://www.alalettre.com/auteurs-contemporains-sz.php#Sagan>

compatriota e exilado no Brasil, médico de profissão, mas, na verdade, exímio linguista amador. O mesmo tradutor, por sinal, então já fizera sua excelente versão latina da obra *Winnie the Pooh*, de A. A. Milne, tendo-a publicado com grande sucesso, primeiro em São Paulo, na casa editorial do também húngaro Desidério Landy; depois em Estocolmo, na Suécia, pelos grandes livreiros da Svensk Bokförlaget, e em Londres, pela Methuen & Co.; enfim, pela grande companhia norte-americana E. P. Dutton & Co... Esse livrinho infantil em latim – *Winnie ille Pu, liber celeberrimus omnibus fere liberis notus nunc primum de Anglico sermone in Latinum conuersus* –, cuja superficial revisão lhe coubera por acaso, foi, como ressalta Rónai, o primeiro *best-seller* estadunidense de 1961.<sup>37</sup>

No pequeno texto em que relembra com humor as “excentricidades” de Lénard, mas também seu espantoso talento de linguista, tradutor e poeta, não podemos deixar de ver, adicionalmente, como Rónai tece elogios à expressividade latina de tantos autores antigos, segundo ele, de algum modo evocada por esse compatriota ao traduzir. Dessa forma,

Enganar-se-ia quem pensasse que o dr. Lénard inventou uma espécie de *basic Latin*, reduzido e simplificado, *ad usum Delphini*. Não, o tradutor não fez a menor concessão. Já vimos que além dos clássicos não hesitara em recorrer à linguagem *suculenta, colorida e folgazona dos autores da decadência* [grifo nosso]. Fez uso de trocadilhos, rimas, aliterações, palavras raras, neologismos. Nada disso, porém, esfriou o entusiasmo do público. Verificando que não entendiam bem o livrinho de que todos falavam, os compradores voltavam às livrarias – não para devolvê-lo, mas para comprar um “burro”, isto é, o original inglês –, o que fez que o livrinho de Milne (mais de cinquenta vezes reimpresso de 1926 para cá) voltasse a ganhar nova e fulminante popularidade.<sup>38</sup>

De volta ao ensaio “A desforra do latim”, continuamos a vislumbrar algumas das (boas) qualidades que Rónai reputava possíveis na língua de Roma: novamente sobre a tradução de *Bonjour tristesse* por Alexandre Lénard, ele se felicita com a iniciativa, pois “o laconismo sugestivo do latim, a pátina multissecular de suas palavras, o halo sentimental de suas expressões prestígam e intensificam o que o romance tem de patético”.<sup>39</sup> Por sinal, assim como se dera com a versão latina de *Winnie the Pooh* pelo mesmo Lénard, essa nova iniciativa tradutória também foi coroada de êxito prático, com rendosas

<sup>36</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012a, p. 141: no original francês, há *Sur ce sentiment inconnu dont l'ennui, la douleur m'obsèdent, j'hésite à apposer le nom, le beau nom grave de tristesse*.

<sup>37</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012b, p. 137.

<sup>38</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012b, p. 137.

<sup>39</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012b, p. 142.

edições em Paris e Estocolmo.<sup>40</sup> Ainda, o ensaio em pauta enumera várias outras tentativas semelhantes, como as traduções latinas do *Pequeno Príncipe*, de Saint Exupéry, por Auguste Haury; de *Max e Moritz*, de Wilhelm Busch, por Ervin Steindl; do *Pinocchio*, de Collodi, por Ugo Enrico Paoli,<sup>41</sup> vindo a concluir-se com a constatação do autor de que não sabe se é mais comovente o gesto dos mestres de descer “do alto da cátedra para se misturarem às crianças ou os meninos que, contrariando o esforço de tantos adultos desejosos de exterminar o latim, teimam em gostar desse fantasma recalcitrante”.<sup>42</sup>

O sentido geral de “A desforra do latim” parece ser o de um desabafo contra a crescente rejeição dessa língua, no *curriculum* escolar (ou na vida) de sua época, a um lugar bastante periférico, em que pese, caso haja o emprego dos meios adequados, todo o potencial do mesmo idioma para a formação humanística e o deleite de jovens e adultos. Não podemos, então – inclusive com base em seus claros testemunhos de apreço ao modo expressivo do latim –, deixar de notar ironia nas vezes em que Rónai, como que se revestindo dos argumentos dos que deseja combater, declara o latim, por exemplo, “obsoleto”.<sup>43</sup>

No supracitado (“A bela adormecida no bosque”),<sup>44</sup> que se encaixa em uma coletânea de ensaios a respeito do assunto das línguas universais – esperanto, volapuque, *basic English*, etc. –, em meio a informações sobre sucessivos Congressos científicos e tentativas de “ressurreição” do latim como idioma vivo em pleno século XX, parecem-nos sobressair-se importantes posicionamentos de Rónai. Assim, sem deixar de apresentar algumas opiniões correntes e desfavoráveis a uma mais completa difusão desse instrumento de cultura entre os cidadãos coevos – como o próprio fato da suposta “complicação” da gramática latina –,<sup>45</sup> o autor tempera tais pontos de vista

<sup>40</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012b, p. 143.

<sup>41</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012b, p. 143-145. Ugo Enrico Paoli (Florença 1884-1963), a saber, foi um filólogo clássico e professor de literatura latina nas Universidades de Gênova e Florença; notabilizou-se por seus estudos sobre o Direito antigo, pela elaboração de manuais escolares e pela escrita de várias obras de divulgação sobre a Antiguidade. Cf. *Enciclopedia Treccani on-line* (acesso em 24/01/2015). – <http://www.treccani.it/enciclopedia/ugo-enrico-paoli>

<sup>42</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012b, p. 143-145.

<sup>43</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2012b, p. 143: *Aos que julgam que o latim está morto e enterrado, tais notícias hão de parecer fantásticas. Como é que o obsoleto idioma, definitivamente relegado entre as velharias do passado pela nossa gloriosa Lei de Diretrizes e Bases, se obstina ainda em sobreviver?*

<sup>44</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1970, p. 105-112.

<sup>45</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1970, p. 107: *Outros argumentadores, favoráveis às línguas fabricadas, alegam que o latim, sendo uma língua natural, sofre de todos os defeitos de suas congêneres, como seja ilogismos, contradições, tautologias, obscuridades. A sua gramática, demasiado complexa, exige*

dando a entender que, talvez, se os estudantes conhecessem mais a respeito de suas próprias línguas maternas e, concomitantemente, fossem expostos a certos tipos literários “leves”, bem menos sofreriam, e mais sentido veriam, em aprender o latim:

Teses *interessantes* [grifo nosso] apareceram, ainda, em relação ao ensino do latim. Eminentemente francês mostrou que o fraco rendimento dessa matéria estava inseparavelmente ligado à ignorância geral da gramática francesa; outro congressista sugeriu se excluíssem dos programas secundários os *Comentários* de César, cujo vocabulário constitui peso morto, e propôs a substituição deles por trechos de Plauto e Terêncio.<sup>46</sup>

Já que esse mesmo ensaio é finalizado, de novo, pela recordação do grande sucesso “recente” junto ao público de obras traduzidas para o latim, como o supracitado romance de Françoise Sagan e o infantil *Winnie-the-Pooh*, além das “poesias neolatinas de nossos dias, coligidas ou escritas por Joseph Eberle”,<sup>47</sup> fica por seu intermédio a impressão de um Rónai sempre inclinado a ver nessa língua, quer em seu matiz de fato antigo, quer quando se recria pela pena de intelectuais modernos, algo diferente do impenetrável e incapaz de despertar interesse. Afinal, parece ele querer sugerir ao público de suas reflexões, os modos de contato do homem contemporâneo com algo, é verdade, tão antigo quanto o latim é que acabam determinado se vai ou não haver o acesso às belezas vivas desse passado.

A partir da página 141 de “As falácias da tradução”, Rónai inicia o exame de nada menos que onze versões diferentes para um mesmo trecho da *Eneida* de Virgílio. A pequena passagem em questão, citada em p. 142, é esta:

*Quam simul ac tali persensit peste teneri  
Cara Iouis coniunx, nec famam obstare furori,  
Talibus aggreditur Venerem Saturnia dictis.*<sup>48</sup>  
(*Eneida*, livro IV, v. 90-92)

Depois de explicar que a multiplicação das traduções da *Eneida*, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, quando o público leitor, em geral, sabia latim, na

*anos de estudo; o seu vocabulário não acompanhou os progressos da técnica, e carece de termos para as noções mais comuns da vida moderna; a sua pronúncia é diferente, conforme o país onde o ensinam; afinal, é antipatizado pela maioria dos que o aprendem.*

<sup>46</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1970, p. 110.

<sup>47</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1970, p. 112.

<sup>48</sup> Em nossa tradução “literal”: “Logo que notou a amada esposa de Jove que ela/ de tal peste era prisioneira e que a fama não obsta ao furor,/ dirige-se a Satúrnia a Vênus com estas palavras”.

verdade se deveu, antes de mais nada, a muitas tentativas de ombrear-se com o talento poético de Virgílio, Rónai passa a destacar algumas qualidades desse clássico antigo. Assim, como Juno é designada na passagem acima, além de “amada esposa de Jove”, “Satúrnica”, ele frisa o caráter funcional, não apenas de adorno, da dupla indicação de uma mesma personagem, como se o poeta tivesse querido destacar-lhe a importância através do emprego de mais de um atributo nobilitante.<sup>49</sup> Além disso, as duras palavras *pestis* e *furor* do original latino soam-lhe peculiarmente expressivas no trecho em discussão, pois se empregam pelo “suave” Virgílio.<sup>50</sup>

São justamente essas palavras que faltam nas versões inglesa e francesa de John Dryden (séc. XVII)<sup>51</sup> e Jacques Delille (inícios do séc. XIX),<sup>52</sup> no primeiro caso substituídas pela expressão apenas “galante” *the chains of love* (“os grilhões de amor”) e, no segundo, por metáforas como *transports* (“arrebatamentos”), *ardeur* (“ardor”) e *embraser* (“abrasar”). As soluções de Delille para essa necessidade de verter *pestis* e *furor* acabam especificamente contaminando, na opinião de Rónai, uma vigorosa obra antiga com o vocabulário dos salões do Antigo Regime e, ao mesmo tempo, contribuindo para a feitura de algo “anêmico e rebuscado”.<sup>53</sup> Vale ainda dizer que Dryden elimina por inteiro de sua tradução os dois apelidos originais de Juno e sua funcionalidade, o mesmo se dando com Delille.

A seguinte tradução que comenta e que, para os fins de nossos propósitos expositivos neste artigo, será a derradeira apresentada,<sup>54</sup> é a italiana de Annibale Caro (séc. XVI).<sup>55</sup> Rónai considera-a “um pouco mais próxima do vigor dos versos latinos”, mesmo porque “um dos atributos de Juno e um dos sinônimos patológicos da palavra amor escapam à modificação”. No conjunto, porém, os três enjambements, a inversão no quarto verso (antepondo-se objeto direto a

<sup>49</sup> A designação Satúrnica, evidentemente, liga-se ao fato de Juno ser filha de Saturno, divindade mais antiga que Júpiter, ou Jove, seu irmão e esposo, no comando dos deuses.

<sup>50</sup> RÓNAI, *op. cit.*, 2012d, p. 143.

<sup>51</sup> *But when imperial Juno from above/ Saw Dido fetter'd in the chains of love./ Hot with the venom which her veins inflam'd,/ And by no sens of shame to be reclaimed,/ With soothing words to Venus she begun.*

<sup>52</sup> *Dès que Junon a vu de ses transports naissants/ L'ardeur contagieuse embraser tous les sens/ Et de ce qu'elle doit à son peuple, à sa gloire./ Sa folle passion étouffer la mémoire,/ Elle aborde Vénus et lui parle en ces mots.*

<sup>53</sup> RÓNAI, *op. cit.*, 2012d, p. 144.

<sup>54</sup> Ainda faltariam as de Miguel Antonio Caro (espanhol); a de Voss (alemão); a de Manuel Odorico Mendes (brasileiro); a de Leopoldo Pereira (brasileiro); a de David Jardim Júnior (brasileiro); a de Maurice Rat e a de André Bellessort (franceses); a de Pierre Klossowski (para o francês).

<sup>55</sup> *Vide da l'alto la Saturnia Giunol Il furor di Didone, e tal che famal E rispetto d'onor non più l'affrena,/ Onde Venere assalse, e'n cotai guisal Disdegnosa le disse.*

verbo) e o mero enchimento da forma métrica/rípio constituído pela expressão *'n cotai guisa* (“deste modo”) operariam para atribuir peso demasiado a essa tradução, no cotejo com o original.<sup>56</sup>

Do conjunto dessas discretas observações de Rónai sobre o estilo virgiliano, parecem-nos destacar-se que ele entendia o modo expressivo do poeta como algo, ao mesmo tempo, “suave”, segundo sua própria palavra transcrita acima, e capaz de uma força advinda, por exemplo, da correta escolha lexical (como a dos nomes possíveis para o amor). Por outro lado, não há lugar para enchementos nos precisos versos de Virgílio: o caso supracitado dos apelidos de Juno, a propósito, demonstra como o vate soube não ser prolixo, mas reforçar os elos da personagem com dois dos maiores deuses antigos, assim logrando enaltecer-lhe consideravelmente a caracterização. Nesse sentido, o menor grau de precisão de tradutores como Dryden e Delille e a recorrência de Annibale Caro ao rípio que transcrevemos, bem como aos demais expedientes negativamente elencados por Rónai, acabam para ele por torná-los, na(s) passagem(s) em jogo, menos bem sucedidos em seus respectivos idiomas não que o latim, mas sim que o estilo do maior poeta de Roma Antiga.

O último texto testemunhal sobre as relações de Rónai com a língua e a literatura latina que desejamos, ainda, comentar brevemente é “Vale ainda a pena ler a ‘Eneida?’”,<sup>57</sup> incluído no livro chamado *Pois é*, mas, na verdade, antes publicado sob outro título e como prefácio da tradução do poema épico de Virgílio por David Jardim Júnior.<sup>58</sup> Nesse ensaio, que se pode considerar uma espécie de introdução à obra antiga citada para leitores não latinistas, o autor percorre todo o caminho espiritual e biográfico do maior poeta de Roma, explicando como ele surgiu da então longínqua Gália Cisalpina para adquirir o vasto cabedal de cultura retórica, filosófica, poética e mítica de que depois se assenhoreou e, enfim, tornar-se o responsável pela escrita de três obras-primas absolutas das letras latinas, as *Bucólicas*, as *Geórgicas* e a própria *Eneida*.

As *Bucólicas*, assim, conjunto de delicados poemas à maneira pastoril de Teócrito, têm um de seus pontos altos no quarto “espécime” da coleção, em que se fala do advento de um tempo novo, marcado pelo nascimento de uma criança de excepcional valor; sucessivamente, os leitores e críticos do poeta interpretaram tal imagem como alusão ao natalício do filho de Asínio Polião, espécie de poderoso protetor de Virgílio,<sup>59</sup> de Marcelo, sobrinho do imperador

<sup>56</sup> RÓNAI, *op. cit.*, 2012d, p. 145.

<sup>57</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1990, p. 113-119.

<sup>58</sup> Cf. RÓNAI, P. Virgílio, poeta épico. In: VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. David Jardim Júnior, estudo introdutivo de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d., p. 11-15.

<sup>59</sup> Cf. BROWN, R. E. A quarta “bucólica” de Virgílio. *Ciberteologia*, São Paulo, ano III, edição número 9, p. 78, jan.-fev. 2007.

Augusto,<sup>60</sup> até mesmo de Jesus Cristo, a partir do século IV de nossa Era...<sup>61</sup> Sobre as *Geórgicas*, ainda repercutindo a velha ideia de que teria sido uma obra escrita “de encomenda” para satisfazer os anseios políticos de Gaio Cílnio Mecenas, “primeiro ministro” de Augusto e também protetor de Virgílio, bem como para “encorajar” os romanos evadidos do campo a retornarem para lá e retomarem os “nobres” fazeres agrícolas, o autor do ensaio observa que:

Apesar da tecnicidade do assunto e do caráter de encomenda do poema, a arte do poeta realizou obra harmoniosa e equilibrada.<sup>62</sup>

Na sequência do texto, Rónai demonstra como, sob vários aspectos, a feitura da *Eneida* representou um verdadeiro *tour de force* para Virgílio: ele, por exemplo, precisou imprimir caráter “nacional” aos eventos lendários que narrava, os quais, a bem da verdade, em cobertura ao périplo do troiano Eneias até chegar à Itália e estabelecer-se no Lácio, casando-se com a princesa Lavínia, antecederem em muito a própria fundação de Roma; também soube inserir nesse relato quase episódico, pelos artifícios das profecias sobre a grandeza futura de Roma no canto VI, quando Eneias desce vivo aos Infernos, e da representação do escudo do herói no canto VIII, o qual comporta alusões a dados significativos da história pátria, eventos de geral e atemporal importância para os romanos.<sup>63</sup> Além disso, o grande vate antigo logrou definitivamente assimilar as obscuras lendas do ciclo de Eneias – “mera invenção de gramáticos gregos residentes na Urbe, desejosos de lisonjear a aristocracia cujos filhos ensinavam, dotando-os de uma genealogia ilustre”? –<sup>64</sup> ao “patrimônio sentimental da nação” e, apesar de todo o conteúdo, em certa medida, ideologicamente marcado, transformar a *Eneida* em algo de longe capaz de ultrapassar seu suposto teor “propagandístico”.<sup>65</sup>

A sequência do ensaio continua a enumeração das muitas qualidades da *Eneida*, como sua perfeição artística incomum, na verdade capaz de transformar essa obra no padrão duradouro da epopeia para o Ocidente; o emprego magistral dos versos hexâmetros, talvez manejados por Virgílio com o maior grau de sucesso em latim; a inovação da “pintura” das personagens em relação à arte de Homero, pois o poeta romano parece antes matizá-las de boas

<sup>60</sup> Cf. abaixo nota 79.

<sup>61</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1990, p. 114.

<sup>62</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1990, p. 114.

<sup>63</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1990, p. 115.

<sup>64</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1990, p. 116.

<sup>65</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1990, p. 116: *Lemos a “Eneida” como um testemunho extraordinário da vontade e da energia do homem (tais como “Moby Dick”, de Melville, ou “O Velho e o Mar”, de Hemingway), assim como o diário de uma viagem maravilhosa em tempos em que a lenda e a história andam juntas e os imortais se imiscuem na vida de todos os dias.*

e más qualidades e privilegiar o dinamismo de caráter ao longo da narrativa que esboçar tipos dominados por uma paixão preponderante; o minucioso e, ao mesmo tempo, imperceptível esforço de composição nos planos de pequena e grande escala dessa epopeia...<sup>66</sup>

Os testemunhos de ilustres leitores de várias épocas, como Voltaire, que lamenta em uma carta privada de 1754 sua sensível amiga, a Sra. du Deffand, não poder acessar as belezas de Virgílio no original, Dante, que o adotou como guia em sua viagem pelos três reinos do mundo espiritual, segundo retratada na *Divina Comédia*, Torquato Tasso, Ludovico Ariosto e Camões, respectivamente a tê-lo como modelo para *Jerusalém libertada*, *Orlando Furioso* e *Os Lusíadas*, John Milton, em semelhante relação com o vate antigo quando pensamos na feitura de *Paraíso Perdido*, e Vítor Hugo, para quem seu verso era “encimado de estranho clarão”, enfim, ajudam Rónai a corroborar seus altos juízos a respeito do poeta e da obra aqui abordados.<sup>67</sup> Nada, porém, testemunha tanto nesse texto o apreço do erudito a tal poeta da latinidade, e à sua arte, quanto as palavras finais do ensaio:

Remanescente das velhas gerações que ainda traziam gravados na memória e no coração os versos de Virgílio, quem assina estas linhas tem-se valido mais de uma vez dos conceitos da sua viril resignação, cunhados em fórmulas imutáveis de tão lapidares. Quem em horas difíceis recordou, de si para si, as palavras mágicas: *Forsan et haec olim meminisse iuuabit*,<sup>68</sup> ao apresentar-lhes o autor aos leitores de um mundo tão distante do seu no tempo e no espaço, tem a impressão de pagar uma dívida de gratidão ao amigo duas vezes milenar.<sup>69</sup>

### 3. PAULO RÓNAI E SEU OFÍCIO DO MESTRE DE LETRAS LATINAS: OS TESTEMUNHOS DE “O LATIM E O SORRISO” E DUAS OBRAS “DIDÁTICAS”

Um ensaio de *Como aprendi o português, e outras aventuras* (“O latim e o sorriso”),<sup>70</sup> possibilita-nos, com grande clareza, divisar alguns dos principais pontos de vista de Paulo Rónai – ele mesmo professor de latim desde sua pátria, a Hungria – a respeito dessa disciplina escolar e da atuação de seus

<sup>66</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1990, p. 117.

<sup>67</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1990, p. 117-118.

<sup>68</sup> Segundo tradução oferecida por Rónai mesmo, “Talvez, futuramente, seja prazeroso recordar estes fatos”.

<sup>69</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1990, p. 119.

<sup>70</sup> Cf. RÓNAI, P. O latim e o sorriso. In: RÓNAI, P. *Como aprendi o português, e outras aventuras*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Artenova, 1975c, p. 53-56 (1ª. edição 1956).

docentes, seja essa ideal ou nem tanto. Perpassar resumidamente alguns de seus aspectos essenciais, por tal motivo, não nos será vão para entendermos a segunda das faces intelectuais supracitadas desse homem de letras, tão bem aclimatado a nossos trópicos.

Dessa maneira, o texto se inicia com a constatação de que, diante do início iminente do ano letivo, logo recomençariam as “batalhas” nos jornais entre os partidários e os opositores da extinção do latim nos *curricula* escolares. Vale dizer que o ensaio data de 1949 e, embora ainda algo distante da década de 1960, quando tal extinção de fato ocorreu,<sup>71</sup> já mostrava evidentes sinais do gradativo encaminhamento para o golpe final contra os estudos humanísticos na educação dos jovens alunos dos “ginásios” e “colégios”. Não obstante os argumentos dos “inimigos” do latim e as “ameaças” das sucessivas reformas oficiais do ensino, as quais acabaram por cercear-lhe cada vez mais a importância e o alcance na formação letrada não universitária, Rónai admite que haveria de sentir-se, pessoalmente, “bem mais pobre, se não tivesse estudado humanidades”,<sup>72</sup> e passa a procurar os motivos da habitual “condenação” dessa língua em contexto educativo.

Ela se deveria, como explica, sobretudo à “improficiência”, ou falta de resultados expressivos, demonstrada por esses estudos na performance escolar da maioria dos alunos de sua época. Uma questão de grande atualidade que ele se coloca diante dessa improficiência diz respeito a indagar-se sobre se, na verdade, o fraco desempenho do alunado no contato com uma disciplina como o latim não se deveria mais aos *métodos e formas de sua pedagogia* que, efetivamente, a algum “defeito” intrínseco do objeto do ensinamento.<sup>73</sup> Esse é um ponto que também aparece em “A bela adormecida no bosque”, quando se apresentam algumas ideias (em princípio, alheias) a respeito da ineficácia do ensino do latim a quem desconhece até a gramática de seu idioma materno, é exposto a textos de leitura que pouco acrescentam à sua experiência prática de vida,<sup>74</sup> jamais encontra formas de contato mais instigantes e “atualizadas” com a língua etc.<sup>75</sup>

<sup>71</sup> Cf. acima nota 27, que menciona a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 (4024/61), a qual viria a tratar as disciplinas de humanidades, latim e grego, como componentes apenas optativos do *currículum* escolar comum, em favor do ensino de português, matemática, ciências e outros conteúdos supostamente mais aplicáveis, de modo direto, ao futuro preparo profissional dos discentes.

<sup>72</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1975c, p. 53.

<sup>73</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1975c, p. 54.

<sup>74</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1970, p. 110.

<sup>75</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1970, p. 109: *O Prof. Goodwin Beach, norte-americano, sugeriu processos modernos, como a audição de discos, conversações em latim, representações teatrais, exercícios de redação, incitamento à leitura em casa. Ideias excelentes, em suma, mas que pecam pela base, pois qualquer dessas inovações requer tempo: ora, por toda a parte o tempo concedido aos*

Por outro lado, a própria postura de alguns tipos de professores, ou mal capacitados para o domínio mais completo do idioma que ensinam, com os consequentes desastres pedagógicos,<sup>76</sup> ou muito competentes, mas espantosamente atribuidores de uma aura de árdua “inatingibilidade” ao latim,<sup>77</sup> também contribui para afastar o alunado de uma mais plena aproximação com a velha língua de Roma. Quanta diferença, porém, haveria caso esses mesmos mestres lograssem não desvincular o ensino das letras latinas de sua rica e instigante cultura, ou mesmo da vida!<sup>78</sup> Os exemplos dados pelo autor para abonar essas possibilidades de conexão abundam, como ao lembrar-se ele do pardal de estimação (poeticamente) perdido com muito sofrimento por Lésbia, a “amiga” de Catulo, da misteriosa “gafe” cometida por Ovídio, a qual teria motivado seu exílio no Mar Negro, do choro comovido da família imperial romana ao ouvir de Virgílio a recitação da *Eneida*, no trecho de homenagem a Marcelo,<sup>79</sup> da viagem a pé de um admirador hispânico de Tito Lívio de sua terra-natal até a Itália, apenas para ver com seus olhos o famoso historiador..<sup>80</sup> Aqui divisamos, como se pode notar, a enumeração de dados anedóticos sobre a cultura romana antiga, mas, em mais de um caso,

*professores de Latim está diminuindo (e o único representante sul-americano viera, precisamente, queixar-se da supressão total do Latim nos currículos do seu país).*

<sup>76</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1975c, p. 54: *Também fazem o possível para esquematizar a aula, mandando os alunos recitar declinações e conjugações e até, por mais incrível que pareça, traduções. Tudo isto, é claro, só se pode fazer com carranca e mau humor; senão, algum aluno malandro poderia lembrar-se de fazer perguntas, e adeus autoridade.* Sobre o caráter meramente “memorizador” e punitivo desse mau modelo de ensino de latim, ele se encontra infelizmente reproduzido até em manuais escolares do idioma ainda hoje em uso. Cf., por exemplo, de ALMEIDA, N. M. *Gramática latina*. São Paulo: Saraiva, 2011, p. 54 e p. 105: *Não se dê por satisfeito enquanto não souber responder a todas as perguntas sem consultar uma única vez a lição. Esta e a lição seguinte não têm exercícios; estude-as no entanto com muito carinho, e responda com o máximo de atenção ao questionário delas, para que não venha a surpreender-se com o que peço na lição 29.*

<sup>77</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1975c, p. 54: *Mas de que serve a sabedoria, se vivem obsedados pelo preconceito de estarem de posse de um idioma hierático, cujo acesso se trona difícil e áspero aos profanos? Talvez esperem dessa teimosa conservação da pedra filosofal um acréscimo de sua autoridade? Seja como for, eles também não descerram a carranca e pontificam solenes, pairando alto acima dos garotos presos nas carteiras.*

<sup>78</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1975c, p. 54.

<sup>79</sup> Cf. HOWATSON, M. C. (org.). *Dictionnaire de l'Antiquité*. Trad. Jeannie Carlier et alii. Paris: Robert Laffont, 1993, p. 607: *Fils de Gaius Claudius Marcellus et d'Octavie, soeur de l'empereur Auguste. Né en 42 av. J.-C. (...) En 23, alors qu'il était édile, Marcellus donna des jeux particulièrement splendides, mais il mourut plus tard dans l'année. C'était un jeune homme très prometteur, que Virgile pleura en un passage célèbre de l'«Énéide» (VI, 861-887), dont la lecture, dit-on, toucha tellement Octavie qu'elle s'évanouit.*

<sup>80</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1975c, p. 54-55.

bastante instigantes, pois favorecem olhar para aquele mundo longínquo como ambiente povoado por seres humanos de carne e osso, mais de uma vez às voltas com as mesmas emoções e problemas dos indivíduos de todas as épocas.

Também não faltam, ressalta Rónai, meios de pôr em destaque como são matizados os grandes escritores antigos – um Virgílio e a história de Eneias, que hesita entre o amor a Dido e o dever, um Cícero e a disputa eleitoral acirrada entre Clódio e Milão, um Cornélio Tácito e os desvarios cada vez mais graves de Nero... –, ou até os papéis “menores” da Antiguidade, como testemunham as cartas de Plínio, o Moço, sobre os conflitos entre os cristãos e o paganismo, ou entre senhores e escravos...<sup>81</sup> Por fim, fazer despertar a consciência sobre o aprendizado do latim ao modo de algo em conexão com um excelente exercício de raciocínio, bem como recorrer aos meios lúdicos de “travar pequenas palestras” no idioma, aplicar “testes” e encontrar etimologias na língua antiga para certas palavras portuguesas de todos os dias são outros meios aventados por Rónai para a fuga aos problemas pedagógicos que viera mencionando ao longo do ensaio,<sup>82</sup> com o conseqüente insucesso e desinteresse da maioria dos alunos.<sup>83</sup>

Quando se pensa na contribuição do próprio Rónai para o ensino do latim, no entanto, logo nos vêm à mente os volumes hoje disponíveis de *Gradus Primus*<sup>84</sup> e *Gradus Secundus*,<sup>85</sup> livros que escreveu para uso didático em sala de aula por alunos, originalmente, ginasiais.<sup>86</sup> As opiniões e juízos a

<sup>81</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1975c, p. 55.

<sup>82</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1975c, p. 55: *Em vez disso, continua o regime estéril da memorização. Decoram-se regras e traduções, sem que sirvam aquelas para o esclarecimento destas. Passam-se horas a recitar “rosá”, “rosae” ou “amo”, “amas”, “amat”. O professor olha disfarçadamente para o relógio; o aluno nem disfarça.* De novo se verifique, em contraste com essas ideias do ensaísta, o (mau) exemplo da *Gramática latina* de Napoleão Mendes de Almeida (*op. cit.*, p. 206): *Como decorar um verbo?* [título da lição (!)] *Decora facilmente um verbo o aluno que conhece a derivação dos tempos.*

<sup>83</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1975c, p. 55.

<sup>84</sup> Cf. RÓNAI, P. *Gradus Primus: curso básico de latim*. 9ª. (re)edição. São Paulo: Cultrix, 2007.

<sup>85</sup> Cf. RÓNAI, P. *Gradus Secundus: curso básico de latim*. 19ª. (re)edição. São Paulo: Cultrix, 2007.

<sup>86</sup> Cf. SPIRY, *op. cit.*, p. 42-43: *Como professor de latim, Rónai lança seu Curso básico de latim em quatro níveis; o vol. 1 sai pela primeira vez em 1944 e é usado até hoje em alguns programas universitários; a série se completa com o lançamento do vol. 4 em 1949. Em carta de 27/08/1980 para o editor do “Gradus Primus”, Rónai se diz surpreso com a vendagem muito abaixo do esperado e dá sugestões sobre novos locais para distribuição, inclusive junto a “professores de latim das faculdades de Letras, pois o que outrora serviu para a 1ª. série ginasial, hoje infelizmente não é fácil nem para universitários”.*

respeito desse material têm variado muito ao longo do tempo, indo desde a aclamação pela “novidade” do método até o seu enquadramento em iniciativas didáticas não muito diferentes de tantas:

Curiosamente, com data de 23/05/1944, na mesma pasta da carta, há também um telegrama do Ministro da Educação e saúde parabenizando Rónai pelo lançamento de *Gradus Primus*, “que constitui feliz e valiosa contribuição para o estabelecimento de novos métodos de ensino do latim no curso secundário”.<sup>87</sup>

A maioria dos métodos brasileiros para o ensino de língua latina foi produzida por volta da década de 50 e 60, época em que o ensino de latim era obrigatório nos cursos ginasiais. Esses métodos são muito parecidos entre si na forma como apresentam a língua latina. Cada capítulo, dedicado a um ponto gramatical diferente, costuma contar com um pequeno texto artificial, nas primeiras lições, e, nas lições mais avançadas, textos adaptados de diferentes autores de prosa latina. Os métodos dessa época também são parecidos no seu projeto gráfico: todos são impressos em preto e branco, possuem aproximadamente 15x21 cm e contam com alguns desenhos meramente ilustrativos, principalmente, antes do texto que inicia um novo capítulo. A própria disposição do conteúdo é muito semelhante: uma figura no alto da página, um texto em latim (artificial ou adaptado) a ser traduzido, um pequeno vocabulário, a explicação gramatical e, no final do capítulo, alguns exercícios para a fixação do conteúdo. Esse é o modelo apresentado, por exemplo, pelo *Gradus Primus*, de Paulo Rónai (1954), que citamos pela sua importância ainda nos dias atuais, uma vez que é utilizado em algumas Faculdades da rede particular de ensino.<sup>88</sup>

Pessoalmente, nossa experiência no contato com *Gradus Primus* e *Gradus Secundus* revela um material que, de fato, não se distancia muito das propostas mais “sisudas” para o ensino do latim. Assim, a sequência das lições de *Gradus Primus*, por exemplo, segue aquela tradicional há séculos para a exposição do sistema gramatical da língua, com a abordagem da morfologia das declinações (da primeira à quinta), na ordem numérica previsível, da morfologia dos verbos e adjetivos, fazendo obrigatoriamente preceder a tudo o presente do indicativo da primeira conjugação, para os verbos, e a chamada “primeira classe”, para os adjetivos... O esquema fixo de apresentação das lições de *Gradus Primus*, por sua vez, corresponde a um título em latim (*Puella cantat*,

<sup>87</sup> Cf. SPIRY, *op. cit.*, p. 43.

<sup>88</sup> Cf. POLASTRI, B. H. *et alii*. “Novas abordagens para o ensino de latim” (acesso em 23/01/2015). – [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem04/COLE\\_1434.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem04/COLE_1434.pdf) – Como os resumos confluem, provavelmente se trata do texto completo, disponibilizado de forma “avulsa” na Internet, de POLASTRI, B. H. *et alii*. Novas abordagens para o ensino de latim. In: de ALMEIDA, N. S. (org.). *Caderno de resumos e programação do “Congresso de leitura do Brasil”*. Campinas: Unicamp, FE/ALB, 2009, p. 110.

*Magistra et discipulae, Domina et servae...*), ao próprio texto latino de pequenas dimensões, sempre escrito modernamente por Rónai, ao vocabulário do texto, às explicações gramaticais/regras para aspectos nele contidos e aos exercícios (pedidos de formação de palavras latinas nos casos nominais ou nos tempos verbais escolhidos pelo autor, pedidos de “pinçar” do texto da lição certos tipos de expressões – como adjetivos e pronomes –, pedidos de traduzir do latim pequenos trechos novos, ou de verter do português para essa língua etc.). Em *Gradus Secundus*, com a diferença de haver no volume aspectos de revisão e aprofundamento da morfologia – com a apresentação, por exemplo, dos adjetivos no grau comparativo, de várias formas nominais do verbo, como o supino e o gerundivo, dos verbos depoentes etc. –, além de pontos adicionais da sintaxe (como a “Análise de períodos ou orações compostas”, à página 104), continua o mesmo modo estruturador das lições, exceto por começar o autor a disseminar provérbios latinos ao final de algumas delas, depois dos exercícios (*Melius est iniuriam accipere quam facere* – p. 52, lição IX –,<sup>89</sup> *Verba uolant, scripta manent* – p. 67, lição XII –,<sup>90</sup> *Pacem cum hominibus, bellum cum uititiis habe* – p. 101, lição XIX...)<sup>91</sup> *Gradus Primus* e *Gradus Secundus*, por outro lado, sempre contêm, ao final, pequenas seções dedicadas a abordagens mais lúdicas do latim (enigmas, palavras cruzadas, “jogos de conjugação” etc.), bem como a soma completa do vocabulário que se foi oferecendo ao longo de todas as lições de cada volume.

Ressaltamos, porém, como aspecto positivo de *Gradus Primus* e *Gradus Secundus*, apesar do relativo tradicionalismo de sua proposição pedagógica, que o método favorece algum contato dos alunos com tópicos variados da cultura de Roma Antiga, mencionando nos exercícios, textos e nas pequenas ilustrações a esses – as quais, muitas vezes, acompanham as lições – instituições (a família, a comunidade política, etc.), mitos (Dédalo e Ícaro, Deucalião e Pirra etc.),<sup>92</sup> personagens histórico-lendárias (Rômulo, Remo, Anco Márcio, Tarquínio Prisco, Múcio Cévola etc.)<sup>93</sup> ou mesmo velhos monumentos das

<sup>89</sup> “É melhor sofrer que fazer uma ofensa”.

<sup>90</sup> “As palavras voam, os escritos ficam”.

<sup>91</sup> “A paz mantém com os homens; a guerra, contra (teus) defeitos”.

<sup>92</sup> Cf. Ovídio, *Metamorphoseon libri*, VIII, 185-235 e I, 313-347.

<sup>93</sup> Rômulo, Anco Márcio e Tarquínio Prisco são reis lendários de Roma (cf. livro I da obra *Ab Vrbe condita*, de Tito Lívio, capítulos 4, 33 e 35); Remo foi o irmão morto pelo primeiro em uma disputa, segundo a lenda (*Ab Vrbe condita* I, 7). Múcio Cévola foi um patrício romano que tentou assassinar Porsena, rei dos etruscos, durante uma ocasião de guerra entre esse povo e Roma. Tendo falhado, matou um escriba do rei e foi preso em meio aos inimigos, mas não titubeou pelo medo e, ao confessar ali suas reais intenções, de livre e espontânea vontade queimou impassivelmente uma de suas mãos no fogo, para demonstrar a própria coragem (*Ab Vrbe condita* II, 12).

letras latinas (como o epitáfio arcaico de Cláudia, matrona romana morta depois de dar à luz dois filhos).<sup>94</sup> Além disso, os apêndices lúdicos contidos ao final desses dois volumes decerto devem ter contribuído, em uma época mais marcada pela sacralização da escola e de seus conteúdos que a nossa, para retirar um pouco do ranço de “língua hierática” do latim.<sup>95</sup>

A suposta “superficialidade” expositiva que caracteriza o ensino do latim como constante de *Gradus Primus* e *Gradus Secundus*, por outro lado (os textos são curtos e elementares sob a perspectiva das ideias, as explicações gramaticais, elaboradas à maneira de regras práticas, não logram esmiuçar mais a fundo fenômenos linguístico-filológicos que sabemos bastante complexos, os exercícios favorecem, muitas vezes, antes a reprodução de paradigmas que o real raciocínio...), não corresponde a um ponto que se possa imediatamente atacar, pensando em seu uso nos atuais cursos universitários de Letras. Afinal, apesar de esse emprego ainda se verificar esporadicamente em determinadas instituições universitárias de ensino, na verdade não correspondeu ao papel de início votado ao método pelo autor, que o idealizou pensando em jovens alunos “apenas saídos da escola primária” durante a década de 40 do século XX.<sup>96</sup> Também acrescentamos que muitos de seus conteúdos – como já reconhecia o próprio Rónai em 1980, durante certa ocasião de relançamento da obra –, um dia acessíveis até para crianças,<sup>97</sup> não têm mais parecido tão óbvios para alunos universitários de tempos posteriores, dado o completo apagamento do latim, ou mesmo da gramática tradicional do português, dos horizontes formadores da maioria dos discentes.

Sobre *Não perca seu latim*, por outro lado, é preciso observar, segundo a definição dada pelo próprio Rónai para o livro, que se trata de uma

Coletânea de palavras e frases latinas frequentemente citadas – provérbios, ditados, máximas, lemas, divisas, inscrições, epitáfios, locuções – traduzidas, explicadas e abonadas, e seguidas de uma sucinta gramática latina.<sup>98</sup>

Desse modo, não divisamos aqui um método para aprendizado do latim por indivíduos jamais antes expostos ao seu sistema gramatical, sendo *Não*

<sup>94</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 2007, p. 15 (cf. GORDON, A. E. *Illustrated introduction to Latin epigraphy*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 1983, p. 34).

<sup>95</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1975c, p. 54.

<sup>96</sup> Cf. MIOTTI, C. M. *O ensino do latim nas universidades públicas do estado de São Paulo e o método inglês “Reading Latin”: um estudo de caso*. Dissertação de mestrado inédita. Campinas: IEL-Unicamp, 2006, p. 42.

<sup>97</sup> Cf. SPIRY, *op. cit.*, p. 42-43 (trecho citado acima na nota 86).

<sup>98</sup> Cf. RÓNAI, P. *Não perca seu latim*. 2ª. edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 (folha de rosto).

*perca seu latim* antes uma espécie de repositório de citações prontas para serem compreendidas (e, talvez, utilizadas) por antigos estudantes da língua, mas que já a esqueceram demais para dela poder servir-se com plena autonomia; por outro lado, mesmo aqueles completamente ignorantes desse idioma antigo poderiam esclarecer-se, como quem consulta um dicionário, sobre os sentidos de frases e expressões encontradas na literatura, em inscrições sobre os edifícios, em documentos oficiais de várias instituições da vida em sociedade (Estado, Direito, Religião etc.). A “sucinta gramática latina” do final da obra, por esse motivo, presta-se, antes de mais nada, a permitir que se “refresque” a memória daqueles um dia capazes de ler em latim, sem esquecer seu potencial de propiciar aos novatos completos um primeiro contato com *alguns aspectos básicos* do funcionamento do idioma, como as declinações nominais e as conjugações dos verbos.<sup>99</sup> Afinal, seria difícil imaginar que essa mesma gramática pudesse por si só favorecer, para verdadeiros principiantes, a aquisição de habilidades muito avançadas em latim, dados, entre outras características, seu caráter de resumo e a completa ausência de exercícios ou textos para a prática e a fixação dos saberes adquiridos com a leitura.

De todo modo, os leitores, ou meros consulentes, de *Não perca seu latim* ainda hoje podem encontrar em suas páginas, de “A” a “V”, razoável conjunto de citações não só traduzidas, mas ainda contextualizadas no âmbito original do emprego e acrescidas, por vezes, de mais precisas observações:<sup>100</sup>

***Principiis obsta, sero medicina paratur! Cum mala per longas conualuere moras.*** “Opõe-te aos começos”, isto é, “Resiste desde o começo; recorre-se tarde ao medicamento quando o mal tomou forças em virtude da longa demora”. Ovídio (*Remédios do Amor*, 91-92) dá esse conselho em relação à paixão amorosa, mas a sentença (frequentemente reduzida às duas primeiras palavras) cita-se muito com aplicação a uma doença, um vício etc.

“Oh! Esta questão poderia ter sido resolvida para logo sem grandes obstáculos. Eu aprendi na escola, quando estudava latim, esta máxima de Ovídio: *Principiis obsta, sero medicina paratur...*” (Joaquim Nabuco, *Um Estadista do Império*, VI, 2).<sup>101</sup>

Tais testemunhos “didáticos” do magistério<sup>102</sup> de latim de Paulo Rónai, então, descontadas as eventuais limitações advindas dos horizontes do possível,

<sup>99</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1980, p. 13: *Para permitir a recordação de conhecimentos esquecidos e facilitar a compreensão das estruturas latinas, acrescentamos no fim uma gramática resumida.*

<sup>100</sup> Para o contato com material semelhante, porém mais completo e atualizado, cf. TOSI, R. *Dicionário de sentenças gregas e latinas*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

<sup>101</sup> Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1980, p. 143.

<sup>102</sup> Também é do ofício docente fazer recordar, ou “repassar a matéria” (cf. Cf. RÓNAI, *op. cit.*, 1980, p. 11: *Enquanto se ensinava latim em nossos colégios, os rudimentos fornecidos pela*

pedagogicamente falando, nos tempos de sua elaboração,<sup>103</sup> bem como da própria forma expositiva eleita (a de uma simples obra de consulta, no caso de *Não perca seu latim*), à sua maneira comprovam o importante cabedal de conhecimentos clássicos do autor e – por que não? – seu contínuo entusiasmo por uma disciplina, bem o sabemos, não raro relegada ao olvido. Em “O latim e o sorriso?”, por sua vez, destacam-se na pena do ensaísta as pertinentes buscas por soluções capazes de atribuir maior eficácia e sentido, para mestres e alunos, ao ensino da velha língua.

#### 4. CONCLUSÃO SUCINTA

Esperamos, com os dados que se foram coligindo e organizando ao longo do texto, ter permitido ao leitor divisar que o latim, e sua literatura, decerto corresponderam a um dos pilares de pensamento, formação e atuação do complexo intelectual e mestre que foi Paulo Rónai. Capaz de tão fácil trânsito entre tantas línguas e culturas, antigas ou modernas, bem o vimos, ele não se absteve de remeter-se às velhas letras de Roma, cujo valor decerto julgou perene, em mais de um ponto de sua brilhante carreira e trajetória de vida.

*escola davam para a decifração dos trechos em latim que pelo menos os melhores alunos encontrassem incluídos num texto escrito ou num discurso feito em português. Hoje o latim anda ausente dos programas, mas um bom punhado de sentenças continua a fazer parte da bagagem do homem culto. É a este que pretendemos ajudar.).*

<sup>103</sup> Não podemos criticar os métodos e compreensões do passado sobre o ensinamento, simplesmente, aplicando a ele nossas atuais categorias do que funciona ou não no movediço terreno da didática de línguas. Com efeito, temos ciência de que mesmo as definições do que seria, exatamente, “saber latim”, “saber inglês” etc. têm variado muito ao longo do tempo, e que as atuais “conquistas” da linguística aplicada, as quais favorecem, sobretudo, o aprendizado não através da ênfase em regras gramaticais abstratas, mas antes na exposição a modos concretos e mais naturais de realização dos idiomas (diálogos falados, textos escritos “naturais”, de variados gêneros...), ainda não se tinham sedimentado ou sequer surgido nos tempos de feitura de *Gradus Primus* e *Gradus Secundus*. Mesmo em materiais certa feita “inovadores”, surgidos já na década de 60 do século XX para o ensino do latim, notam-se o que hoje nos parecem os problemas da exposição a formas muito repetitivas e artificialmente esquematizadoras da língua (cf. MIOTTI, *op. cit.*, p. 31-32: Acerca do mesmo assunto fala o Prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos: *Sobre as deficiências do método de Sweet, deve-se apontar ainda, além da falta de contexto e da concentração da gramática, a dificuldade para o professor preparar a prova da matéria vista no primeiro semestre letivo, pois o método fica muito tempo trabalhando com frases só na terceira pessoa do singular e do plural do presente do indicativo. A maior parte das frases são, então, verdades gerais.*). Para críticas pontuais aos métodos/materiais didáticos para ensino de latim hoje disponíveis e em uso no contexto universitário brasileiro, cf. TEIXEIRA, F. D. O ensino de latim no 3º. grau: a manutenção da tradição ou a alienação do educando. *Revista eletrônica Antiguidade Clássica*, Rio de Janeiro, no. 4, p. 80-93, segundo semestre de 2009.

Desde os tempos de sua educação como jovem aluno na Hungria, passando pelos anos de formação e doutoramento profissional na pátria e em Paris, e por sua posterior transferência forçada, mas, no final das contas, bastante promissora, para o Brasil, ele se viu às voltas, de algum modo, com o latim e a cultura literária antiga. Atestam-no pelo menos, como vimos, seu efetivo magistério do idioma em instituições de ensino respeitadas, a escrita de obras didáticas ou, no mínimo, informativas que compreendemos como prolongamentos desse mesmo magistério (caso dos dois volumes de *Gradus* que comentamos e de *Não perca seu latim*) e a divulgação, na imprensa jornalística ou na mídia livresca, de ideias favoráveis à continuidade da difusão desse legado antigo, promovendo-lhe a beleza e o valor.

Para nós, portanto, permanece seu inquestionável exemplo de inquietude intelectual e resistência, mesmo diante de causas que outros diriam, eventualmente, *difíceis: Nullast tam facilis res quin difficilis siet, / quam inuitus facias!*<sup>104</sup>

## REFERÊNCIAS

- @lalettre.com (acesso em 24/01/2015) – <http://www.lalettre.com/auteurs-contemporains-sz.php#Sagan>
- de ALMEIDA, N. M. *Gramática latina*. São Paulo: Saraiva, 2011.
- BRAGA, H. S. *O ensino de latim na escola Maria Constança Barros Machado como reflexo da história da disciplina no Brasil (1939-1971)*. Dissertação de mestrado inédita. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2005.
- BROWN, R. E. A quarta “bucólica” de Virgílio. *Ciberteologia*, São Paulo, ano III, edição número 9, p. 78-82, jan.-fev. 2007.
- Enciclopédia Treccani on-line* (acesso em 24/01/2015) – <http://www.treccani.it/enciclopedia/ugo-enrico-paoli>
- “Faz 50 anos que o tradutor e ensaísta chegou ao Brasil – Paulo Rónai” (acesso em 19/01/2015) – [http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista\\_paulo\\_r%F3nai\\_27abr1991.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista_paulo_r%F3nai_27abr1991.htm).
- GORDON, A. E. *Illustrated introduction to Latin epigraphy*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 1983.
- HOWATSON, M. C. (org.). *Dictionnaire de l'Antiquité*. Trad. Jeannie Carlier et alii. Paris: Robert Laffont, 1993.

<sup>104</sup> Cf. TOSI, *op. cit.*, p. 419: *Nada é tão fácil que não se torne difícil se feito sem vontade*. Essa máxima deriva do “*Heautontimoroumenos*” de Terêncio (vv. 805 s.), sendo retomada por São Jerônimo, que no prefácio ao sétimo livro do “*Comentário*” a Ezequiel cita expressamente Terêncio, e pelo pseudo-Beda (“*Liber proverborum*”, PL 90, 1103), que apresenta a forma banalizada “*Nil est tam facile quod non fiat difficile si inuitus facias*”; afirmação semelhante está, por exemplo, em Santo Agostinho (“*Tractatus in Ioannis Evangelium*”, 98, 1). (...) Os provérbios modernos retomam com mais exatidão a versão “positiva” com formulações semelhantes à italiana “*Dove la voglia è pronta le gambe sono leggere*” ou à bolonhesa “*Gnint è difèzil a chi vól*”; no Brasil se diz “*A quem quer, nada é difícil*”.

- MIOTTI, C. M. *O ensino do latim nas universidades públicas do estado de São Paulo e o método inglês "Reading Latin": um estudo de caso*. Dissertação de mestrado inédita. Campinas: IEL-Unicamp, 2006.
- OVIDIO. *Metamorfosi*. A cura di Piero Bernardini Marzolla. Torino: Einaudi, 1994.
- POLASTRI, B. H. *et alii*. Novas abordagens para o ensino de latim. In: de ALMEIDA, N. S. (org.). *Caderno de resumos e programação do "Congresso de leitura do Brasil"*. Campinas: Unicamp, FE/ALB, 2009, p. 110.
- PORTINHO, W. M.; DUTRA, W. Paulo Rónai, tradutor e mestre de tradutores. *TradTerm*, São Paulo, vol. 1, p. 21-30, 1994.
- RÓNAI, P. A bela adormecida no bosque. In: RÓNAI, P. *Babel & Antibabel: ou o problema das línguas universais*. 1ª. edição. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 105-112.
- RÓNAI, P. A desforra do latim. In: RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. 7ª. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012a, p. 141-146 (1ª. edição 1952).
- RÓNAI, P. Alexander ille Lenardus. In: RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. 7ª. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012b, p. 129-139 (1ª. edição 1952).
- RÓNAI, P. A operação Balzac. In: RÓNAI, P. *A tradução vivida*. 4ª. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012c, p. 213-237 (1ª. edição 1976).
- RÓNAI, P. As falácias da tradução. In: RÓNAI, P. *A tradução vivida*. 4a. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012d, p. 133-150 (1ª. edição 1976).
- RÓNAI, P. As línguas que não aprendi. In: RÓNAI, P. *Como aprendi o português, e outras aventuras*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Artenova, 1975a, p. 16-19.
- RÓNAI, P. Como aprendi o português. In: RÓNAI, P. *Como aprendi o português, e outras aventuras*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Artenova, 1975b, p. 9-15 (1ª. edição 1956).
- RÓNAI, P. *Gradus Primus: curso básico de latim*. 9ª. (re)edição. São Paulo: Cultrix, 2007.
- RÓNAI, P. *Gradus Secundus: curso básico de latim*. 19ª. (re)edição. São Paulo: Cultrix, 2007.
- RÓNAI, P. *Não perca seu latim*. 2ª. edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- RÓNAI, P. O latim e o sorriso. In: RÓNAI, P. *Como aprendi o português, e outras aventuras*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Artenova, 1975c, p. 53-56 (1ª. edição 1956).
- RÓNAI, P. Saldos de balanço. In: RÓNAI, P. *A tradução vivida*. 4ª. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012e, p. 190-193 (1ª. edição 1976).
- RÓNAI, P. Vale ainda a pena ler a "Eneida"? In: RÓNAI, P. *Pois é*. 1ª. edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, p. 113-120.
- RÓNAI, P. Virgílio, poeta épico. In: VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. David Jardim Júnior, estudo introdutivo de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d., p. 11-15.
- SPIRY, Z. F. *Paulo Rónai: um brasileiro made in Hungary*. Dissertação de mestrado inédita. São Paulo: FFLCH-USP, 2009.
- TEIXEIRA, F. D. O ensino de latim no 3º. grau: a manutenção da tradição ou a alienação do educando. *Revista eletrônica Antiguidade Clássica*, Rio de Janeiro, no. 4, p. 80-93, segundo semestre de 2009.
- TITE-LIVE. *Histoire romaine I: la fondation de Rome*. Texte établi et trad. par Gaston Baillet. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- TOSI, R. *Dicionário de sentenças gregas e latinas*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.